

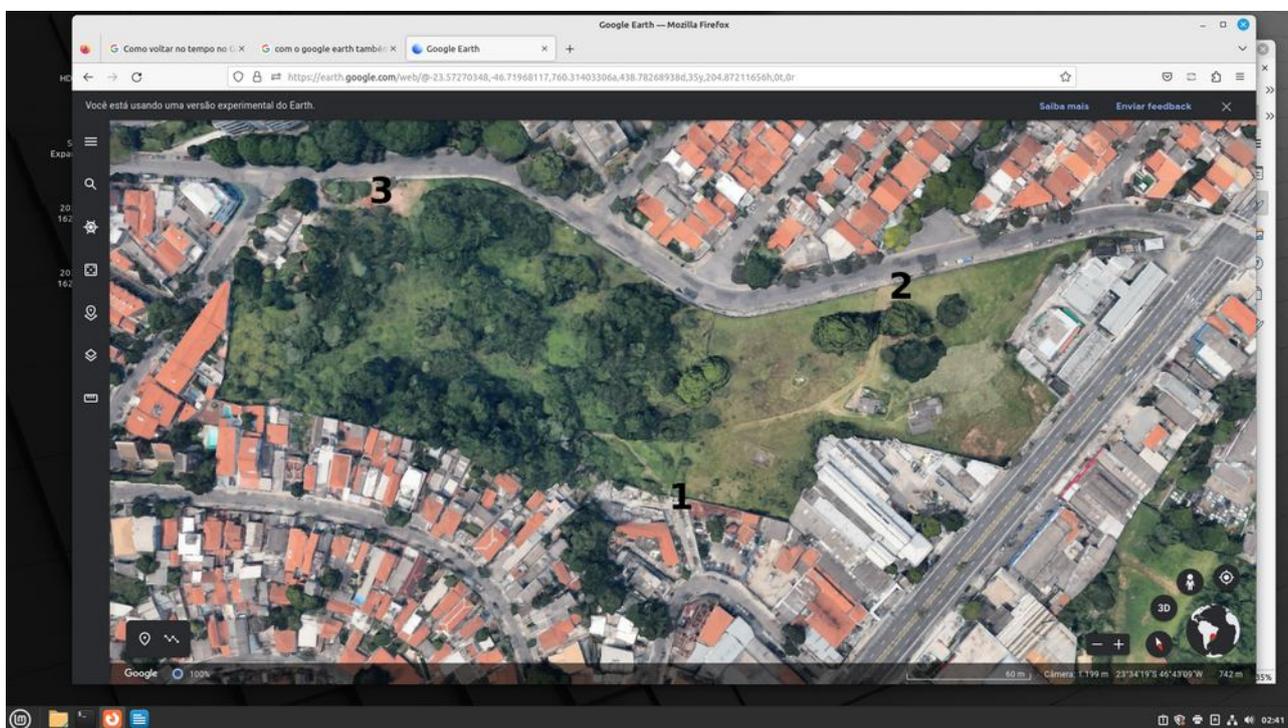
## Projeto: Parque da Fonte do Peabiru

### 1ª Etapa do Projeto:

Conforme “Escritura de constituição de servidão de trânsito” registrada no 2º Tabelião de Notas da Capital de São Paulo, em 09/08/1935, a área da (hoje) Rua da Fonte foi concebida como servidão perpétua para qualquer espécie de trânsito, para qualquer lugar e para qualquer pessoa (doc em anexo). Também o Decreto de Lei que cria o logradouro, em 2003, estabelece que a Travessa da Fonte possui 80 metros de comprimento (e não 40 metros, como a vemos hoje, depois de levantado o muro em 2007). Ou seja, a antiga Rua da Fonte sempre foi aberta até a Fonte.

Propomos: **abrir a servidão de trânsito para a passagem de pedestres, permitir livre acesso à Fonte.**

Conforme imagem Google Earth (atual), percebe-se claramente os caminhos:



1 – Caminho que passa pela Rua da Fonte

2 – Caminho que vai da Fonte para a Rua Santanésia

3 – Caminho que vai da Fonte para a Rua Santanésia em frente ao INOCOP

Estes caminhos podem, inicialmente, ser tipo trilhas estreitas e, posteriormente, deveriam ter 1m40cm de largura, conforme descrição do Peabiru em diversas bibliografias, cobertos de certa gramínea natural do nosso continente, ou cobertos com cascas de árvores ou deixados de terra, acompanhados por duas canaletas laterais para drenagem da água de chuva (canaletas de 20 cm de largura, 15 cm de profundidade, semi-cobertas com entulhos ou pedras pequenas).

O trecho hoje aberto da Travessa da Fonte possui 9 m de largura. Se estamos propondo que este Caminho 1 tenha 1m40cm de largura, o espaço da largura restante deve continuar a ter ervas de Santa Maria, conforme identificado por guaranis, sementes que teriam sido trazidos pelos seus ancestrais para proteção deste território (não devemos retirar estas sementes dali).

As trilhas devem ser executadas manualmente, apenas com facões, picaretas e enxadas.

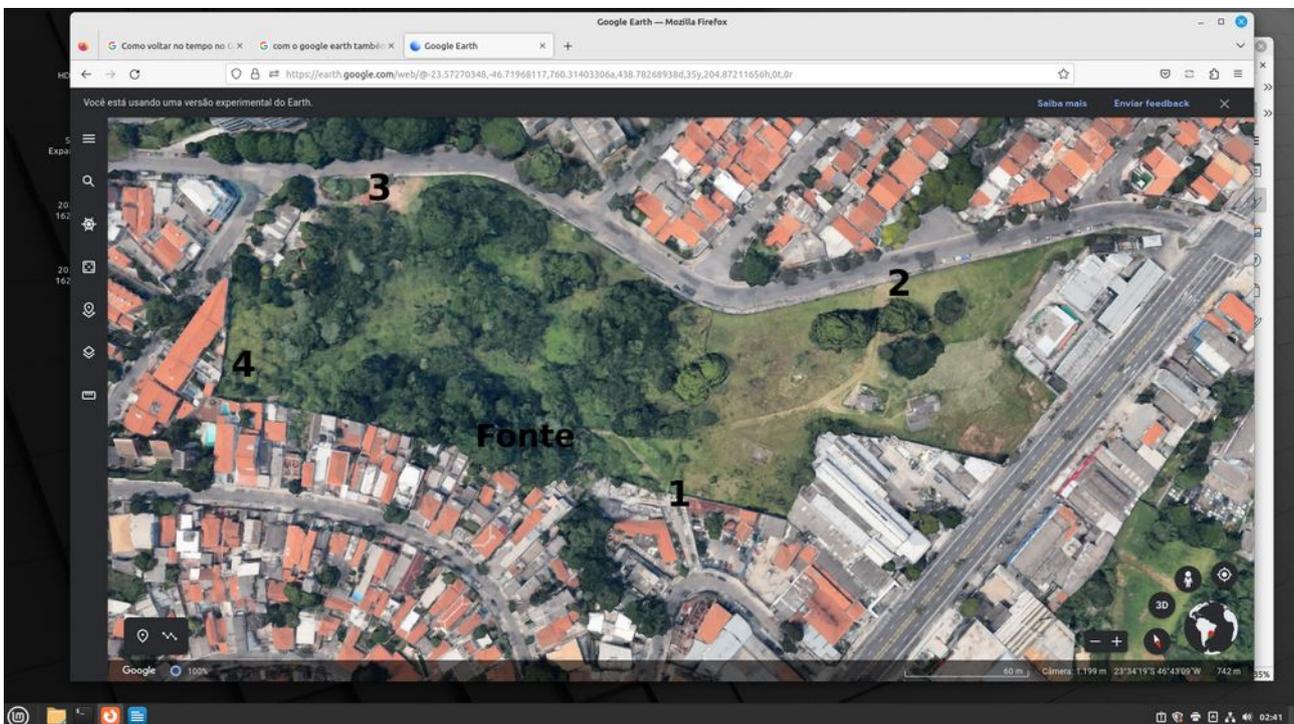
## 2ª Etapa

O Caminho 1, que vai até a Fonte, deve continuar a ter o córrego da Fonte à sua esquerda e o córrego da Jaqueira (uma segunda nascente) à sua direita. Após o abandono dos últimos anos, encontramos o córrego da Jaqueira correndo desgovernado por cima do leito da Rua da Fonte. Com os mutirões populares já realizados, conseguimos recolocar o córrego da Jaqueira em seu curso (conforme o conhecemos anos atrás). Porém, neste processo, encontramos carangueijos e assim descobrimos a presença do Charco ou Brejo (um outro bioma que deve ser preservado).

Para que o tráfego de pedestres do Caminho 1 possa ser liberado, será necessário colocar algumas pinguelas ou pontes de madeira (estas madeiras devem estar apoiadas, em suas extremidades, em pedras colocadas sem o uso de argamassa – este brejo não é profundo, não será difícil colocar as pedras para suporte das vigas de madeira).

## 3ª Etapa

Na próxima figura, o Ponto 4 recolhe a água de chuva das casas e Rua Padre Camilo. Na chuvas mais fortes é um volume bem grande de água, uma enxurrada de água que é jogada exatamente sobre a Fonte, misturando lama à água limpa que sai das bicas.



Com nossos mutirões conseguimos iniciar o desvio desta enxurrada (para que ela não caia sobre a Fonte). Utilizamos alguns troncos e galhos de árvores secos (como os castores quando represam as águas) porém é necessário melhorar esta obra (por enquanto foi apenas um “ligeiro improviso”). É necessário acompanhar (e trabalhar) o caminho da enxurrada desde lá de cima.

#### 4ª Etapa

Com nossos mutirões (e apoio que recebemos da SOS Mata Atlântica em parceria com a cervejaria Heineken) conseguimos tratar o esgoto de 5 casas que era jogado sobre o Córrego da Fonte. Construímos um Tanque de Evapotranspiração num terreno limpo ao Parque, muito próximo do córrego. Realizamos uma ação muito importante, que resolveu a sujeira e cheiro desagradável que chegava até na Travessa da Fonte. Porém, ainda existem entre 10 e 15 casas da Rua Cícero de Alencar que jogam esgoto a céu aberto, não diretamente sobre o córrego mas sobre o terreno do Parque. Esta sujeira não chega a contaminar a água que brota na Fonte pois trata-se de um solo muito duro (Butantã), mais precisamente granito, que não é permeável. Sobre o granito temos uma camada de terra que recebe este esgoto, fica contaminada, e com a água das chuvas esta contaminação é levada até o córrego. Além disso, a área que recebe este esgoto fica intransitável devido ao mal cheiro e à lama.

Ousamos propor que este esgoto também seja tratado localmente com o uso de biodigestores e soluções baseadas na natureza.

#### 5ª Etapa:

A “banheira” que recebe a água das bicas transbordou. Os arredores da Fonte ficou alagado, alguns muros de pedra incharam e começaram a ruir. Com nossos mutirões conseguimos baixar a altura da água mas ainda falta fazer com que a água volte a correr pelo seu caminho original. Ainda temos trabalho a ser realizado cuidadosamente ali.

#### 6ª Etapa:

Por cima da “banheira que recebe a água das bicas, nossa Fonte, e da gruta ao lado, foi colocada uma laje e construída uma pequena casa. O telhado desta pequena casa, em algum momento, foi retirado. A laje ficou descoberta e hoje ameaça cair. O perigo é eminente. Para este problema não temos ainda a solução mais adequada.

Sonhamos que nesta pequena casa (um cômodo apenas) ergueríamos nosso museu, nossa biblioteca, nosso Centro de Documentação (onde reuniríamos fotos e documentos já resgatados nestes últimos anos). Porém, a situação do piso/laje nos leva a crer que ela terá que ser demolida. Teremos que consultar profissionais que possam nos ajudar a decidir.

#### 7ª Etapa:

Construção de sanitários.

Exatamente em cima da Fonte, anexo à pequena casa, havia um “banheiro” inacabado. Hoje, o esgoto da privada e da bacia já está ligado à nossa Tevap, falta levar água até lá e colocar uma porta (hoje um pano/cortina serve de porta mas as crianças ficam constrangidas e reclamam).

Outros sanitários devem ser construídos, no mínimo próximos às duas saídas pela Santanésia e um próximo à saída pela travessa da fonte.

Estes sanitários também devem ser modelos ecologicamente corretos, já contribuindo com a Educação Ambiental que entendemos uma das missões do Parque da Fonte.

## 8ª Etapa

### Construção do Centro Cultural do Morro do Querosene

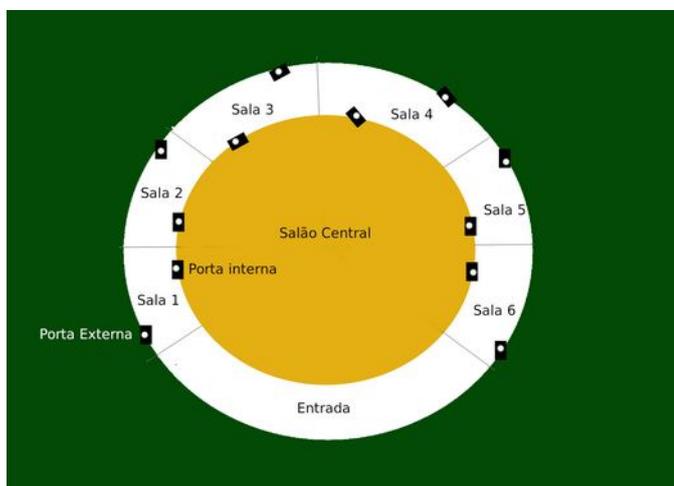
Em 1998, artistas e outros moradores do Morro do Querosene se reuniram com o propósito de criar um local, um espaço, para a realização de oficinas, ensaios, reuniões, saraus de arte e manifestações populares. Para a organização, foi criada a Associação Cultural da Comunidade do Morro do Querosene.

Esta área que hoje chamamos de Parque, era conhecida por Chácara da Fonte. Entrávamos pelo portão do INOCOP e saíamos pelo portão da Travessa da Fonte. Parecia não ter dono, apenas algumas famílias de “gente simples” morava ali. E foi pela insistência de alguns destes moradores, somado à intrigante existência daquele espaço de beleza tão exuberante que exigia proteção, resolvemos realizar a Festa da Ocupação. Era 2001. Foi assim que iniciamos nosso movimento pela criação do Parque da Fonte do Peabiru. Ou seja, este parque tem uma gênese cultural. Criar este centro cultural é fundamental: uma grade oca, coberta de sapé, talvez uma geodésica de bambu e em torno deste salão principal, os pequenos ateliês para os diversos grupos e linguagens artísticas guardarem seus instrumentos, suas fantasias e alegorias, seu material de trabalho. Em frente, um terreiro multiuso. Ao redor, uma cozinha coletiva, um local para os pais-mães e suas crianças pequenas, um quarto (com ganchos de redes e esteiras) para receber artistas de outros lugares por alguns dias, e uma pequena horta comunitária.

Este Centro Cultural deve estar próximo ao Caminho1 pois a Travessa da Fonte, uma rua sem saída, já é utilizada para diversos festejos e manifestações populares.

E é necessário que este Centro possa estar aberto qualquer horário, inclusive de madrugada, para que atenda a necessidade de ensaios artísticos, preparação de cenários e outras práticas. (Já fizemos reunião com representantes da Secretaria Municipal de Cultura que nos disse ser possível uma organização autônoma e comunitária, que isso já acontece em alguns outros lugares.)

Uma representação muito grosseira da nossa proposta para o Centro Cultural é:



Vista de cima



Vista de Frente

Para concluir, uma proposta (também muito grosseira) de ocupação da área.

